

1 esse texto é uma espécie de colcha-de-retalhos monstruosa, cut-up composto de escritas automáticas e poemáticas, cenas-fragmentos oriundos da clínica do Acompanhamento Terapêutico (AT) e articulações conceituais de caráter ensaístico. compõem-se também de trechos do meu processo de pesquisa atual intitulado "Cartografias Anedípicas", vinculado ao Programa de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal do ABC (UFABC), sob orientação de André Luis La Salvia.

2 psicólogo, psicanalista, acompanhante terapêutico, membro do Sítio, mestrando em filosofia pela UFABC, autor do livro de poesias "corpos polimórficos". contato: juansalazarj@gmail.com.

3 Deleuze, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

quando o corpo quebra e se esquizografa¹

juan salazar²

resumo

quebras corpóreas são como acontecimentos não-desconectantes, portam a potência da re-incorporação de fragmentos, produzindo o real e afirmando a existência. se esquizografam, amarram clínicas (sem psicanálise) e elementos não-comunicantes de um texto. esvaziam sentidos e refazem-os, instaurando uma anonimização pública da experiência e do encontro decorrente da força de corpos e escritas em constante colisão.

palavras-chave: esquizoanálise, escrita, corpo, clínica, Acompanhamento Terapêutico.

abstract

bodily breaks are like non-disconnecting events, carry the power of re-embody fragments, producing the real and affirming the existence. schizographs itself, tie clinics (with no psychoanalysis) and non-communicating elements of a text. empty out meanings and remake them, establishing a public anonymization of the experience and the encounter due to the bodies and writings force in constant collision.

key-words: schizoanalysis, writing, body, clinic, Therapeutic Accompaniment.

sempre fui atravessado pela imagem de perfurar o próprio corpo, não tanto pelo prazer da dor mas mais pela indagação do que há dentro ou do que é possível transportar do fora para dentro (ou vice-versa): algo como uma abertura, condição de arrombamento para se fazer pensar³. nunca executei tal ato, mas hoje essa imagem não é punitiva e escapa da culpa, se estetiza e ganha um corpus ético que me dá chance de escrever, poemar. de fazer da perfuração, um texto. nunca tive os contornos do meu corpo exatamente vistos - ressoou mais o esmagamento dos gestos, daquele dente sobressaliente, do quadril não inerte [motivo de bixa para a infância]. sempre quis saber costurar, não tanto pela destreza de um ofício, mas mais pela agulha-perfura, que já desentupiu boca de fogão e chuveiro. quiçá algo desentope na carne, jorre sangue pra fazer fluir não a morte, já que esse não é um texto de morte, mas de certa correnteza de vida, máquina de costura que junta sem deixar nada achatado. cola, mas com espaços ociosos. a minha pele é furo. - *mãe, quebrou a correia da máquina. - filho, bala na agulha*. nós somos mesmo é da vala. e minha pele é de repetição.

4 Deleuze, Gilles Et Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.198.

5 Deleuze, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015, p.155.

6 Deleuze, Gilles. *Sacher-masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

quando o corpo quebra não se sabe o que acontece. não que a quebradura não porte a carga efetiva de um acontecimento, mas a sua cognoscibilidade não está posta necessariamente numa discursividade que possa abarcar esta ação: não há fala que remende um osso quebrado. e se concebemos que o corpo já é uma condição sim do pensamento, para quê crer que algo da palavra poderá significar, ampliar ou transmutar tal experiência para vir a tornar isso um acontecimento? quero um acontecimento mudo de sentido: a quebradura efetiva de um osso, um risco de carne, cabeça de fêmur ou dedão de pé quebrados, erupções cutâneas, "[...] fluxo de rebanhos e sementes, fluxo de merda, de esperma e de menstruações, nada deve escapar"⁴. tudo isso que não escapa de ser codificado pela máquina social mas que antes mesmo de qualquer código (se é que há um antes), já porta em si elementos de um agenciamento coletivo de enunciação pertinentes ao acontecimento, à essa impessoalidade singular que passeia entre público e privado na firmação deste - na firmação disso que não se faz sozinho. "[...] não há acontecimentos privados e outros coletivos; como não há individual e universal, particularidades e generalidades. Tudo é singular por isso coletivo e privado ao mesmo tempo, particular geral, nem individual nem universal"⁵. e como mais-que-externalizar um corpo ou só somente externalizá-lo, tornando o dentro resquício mínimo de uma individualidade (cisco) que aparece pra fora e se generaliza? como fazer desta forma de aparecimento uma fratura exposta, mas sem que seja preciso fraturar um osso - sem que o ferimento se reduza à falsa unidade do sujeito? talvez seria como na literatura pornológica em que se busca uma não-linguagem, ou um colocar a linguagem em relação ao seu próprio limite, sendo necessário alçar sua esfera de impessoalidade - transpassando o pessoal, tornando-o real não para si, mas em si, para o mundo⁶.

fui lembrado de quando ele me amarrou numa cadeira de criança onde eu deveria ficar imobilizado. logo, facilmente me soltei, causando furor e inconformação nele. ele queria que eu permanecesse amarrado, imobilizado. chorou, não queria brincar assim. cedi, pelo que lembro, e me deixei ser imobilizado por ele: usado, literalmente, mas esgotado de qualquer sentido negativo que essa palavra possa portar, afinal, tratava-se de um corpo-plataforma para outro corpo acontecer, para uma experiência nascer. naquele dia ele precisava me usar na imobilidade do meu corpo, para fazer algo brotar dali enquanto uma potência déspota. - *você está preparado para morrer?* ele já havia morrido muitas vezes antes: caía no chão... ficava de corpo-morto. precisava sempre me assegurar da sua morte e pedir um alento de vida - fazer um ressuscitamento, sentir a perda. mas agora era eu quem estava sob esse risco, devendo estar submetido à ele. amarrar é não só a iminência de desamarrar mas a possibilidade de certa contenção criadora. quero uma hiperpresença que fure sem invadir, penetre sem demolir, seja corpo-inteiro sem me fazer subsumir. só não me amarre tão forte... não precisa chegar a me imobilizar: quero o disfarce de poder brincar.

parar no tempo. ontem parei na dobra do tempo, nesse visgo impermissível onde o nada se sobrepõe ao nada. e na barragem das coisas, o alerta de uma linha amarela e a queimadura de um

dorso de mão se tornaram limites invisíveis que não vingaram numa cronologia apaziguante de tempo. nem mesmo que se efetivasse um corte, esse tempo voltaria a rodar, sequer uma rotina iria se forjar – uma mentira que se poderia contar e fazê-la vingar. mas ainda assim: não ultrapasse a linha, ultra-passe – transpassagem de pele, queimadura e aquela caceta que dura. se te amarro, é só lembrança que seus punhos são só agulhas – perfuram sem matar, conectam, travam essa externalidade que não me significa. é como arrancar um peito sem sangrar ou remontá-lo numa outra face em que tais gestos não se assemelhem mais ao grotesco. é como puxar cabelos sem arrancar ou como aquele seu cabresto que não te servia para andar. retiro os fios de dentro, lembrando-os que são de fora. e nesse banho contínuo, o sangue vira água e mesmo a morte tem algo de um monumento a se celebrar. mas não quero o monumento, não quero tatuar aquele demônio-tormento. quero insistentemente o acontecimento, a ferida indigna não resignada mas transpassada, feita outra. outra carne, outro muro, outra ponta de faca. arranca, arranca, arranca – e não desfia, não termina: vira pedaço de quadro esquartejado. quero parecer inteiro dilacerado e não um fado. pois as coisas claras e distintas não entendem poesia.

quando arranco meus cabelos ou bato a cabeça contra a parede, quando arranco minha roupa, quando me jogo no meio da rua nua, não sou eu, mas algo que vem de fora e se apossa de mim, me tornando assim arrancada dos próprios cabelos, parede-batida na cabeça, tendo arrancada as roupas, sendo jogada no meio da rua e ainda nua. eu incorpo não aquilo que eu quero, mas aquilo que me é quisto, colocado, atravessado. meu corpo se esfacela independente de mim, ainda que ao mesmo tempo recaia sob este mesmo corpo dito meu. meu corpo é quase como um receptáculo aberto, onde o limite não se localiza nem na pele nem no desejo, mas na total profusão imanente deste, de fora pra dentro, de fora pra fora. não sou eu quem te deu um soco na cara. não sou eu quem caiu subitamente no chão. não fui eu quem quebrou a televisão. eu nem sequer estava lá. *é agora que você vai me dar um tapa na cara? é agora que você vai me bater? é agora que você vai enfiar uma agulha em mim?* "eu não acredito em pessoas que começam as suas frases com a palavra eu"⁷.

sentados na cama em seu quarto, nos encontrávamos numa aproximação atípica. não saímos para a rua neste dia – ainda que seus pais sempre esperassem que saíssemos como garantia de aquisição de sociabilidade por razões mães-pais daquele recorte, daquele con-texto. folheava um livro de alienígenas que peguei em sua estante ao que com desdém ele me contou que este era mais um dos livros chatos que seus padrinhos chatos tinham dado pra ele. nessa pura desidentificação, ainda assim, éramos aliens-aliados no quarto. ao fim do livro surge uma gosma roxa, um elemento que era identificado como material alienígena coletado em algum lugar secreto do mundo. tocava com o dedo aquilo e ele também tocava, eu sentado na cama e ele deitado. estávamos aproximados corporeamente até que eclode aquilo que ele me pergunta. – *não parece esperma? você já tocou em esperma?*

8 a palavra esquizografia foi primeiramente por mim vista no título de uma página de redes sociais que se dedica a transmitir informações acerca da esquizoanálise. a página se define como "ESQUIZO-GRÁFIAS: pela multiplicação das multiplicidades de se criar novos possíveis possíveis", e se utiliza do instagram, facebook e um podcast para disseminar tais informações. minha inspiração não se reduz à palavra, mas se desloca ao conceito que ela pode induzir. sendo assim, apesar da inspiração gráfica e fonética, a trama conceitual tecida acerca da esquizografia neste texto, diz respeito à sua autoprodução, à si mesma: inaugurabilidade. posteriormente pude verificar que Lacan publicou em 1931 um texto chamado "Escritos inspirados: esquizografias", onde comenta as práticas poéticas de uma professora primária psicótica, relacionando-as à uma estereotipia da escrita psicótica e à uma potência criativa e reveladora de conflitos. o termo esquizografia é forjado do termo esquizofasia, que designa a existência de uma dissociação. Cf. Campos Guerra, A. M. "A escrita na psicose e seus efeitos no encontro com um psicanalista na atenção psicossocial". In: Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009, pp. 132-142. inaugurabilidades a parte, o que quero apontar apenas é o caráter ahistórico deste conceito que começa se esboçar. fica o nonsense.

9 Deleuze, Gilles Et Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.122.

mobilizo-me e desfaço o roxo deste código ainda sem cor. no segundo de silêncio me distancio da erotização, derivando-me apenas nessa tal comunhão comum ao que constitui um encontro. desfaço o esperma homossexual. são como microdecisões de um instante, elegendo sempre uma porção de inapreensível. digo: - *sim. quando nos masturbamos há sempre a possibilidade de se tocar no próprio esperma.* (sendo esta apenas uma das possibilidades de se tocar em porra). ele surpreso, responde num certo segundo de tempo depois: - *nossa... você não tem medo de falar assim da sua intimidade? nem tanto assim meu caro... - claro que tenho. sempre temos um pouco de medo, e eu não estou falando de toda minha intimidade. aliás não sei se dá pra se falar de toda as intimidades para alguém. apenas falei desta intimidade pois confio em você e achei que seria importante compartilhar isso contigo.* numa perplexidade empática ele me conta que nunca ninguém havia lhe contado intimidades. medo, confiança e testemunho. como se sabe o que é o sexual se ele não pode existir pra fora de si? ou ainda, como existir sem ser pra fora de si? seguimos na mesma posição, falamos de outras coisas e ele mantém um toque seriado de seu dedo indicador numa pinta que tenho na mão. fica me tocando, intimidade da qual sinto e permito-me não me incomodar - me deixo ser tocado. percebemo-nos em outras possibilidades de estada sem muita prevalência dos afetos, passando a produzi-los, inaugura-los. alçamos novos vãos para um futuro que se erigiu dali.

perceber o que se escreve nem sempre se percebe. se percebe sempre num depois, pois caso se perceba antes, se forja um falso pensamento antes mesmo do corpo que já escreve, desse relampejo quase automático que já pensa. se escreve para depois ver o que se faz e talvez depois, reescrever. mas aquilo que sai, só somente sai, e é nesse ato-simples que pode se (de)compor algo. tento parar. tento parar agora para perceber um pouco deste texto, decidindo nomeá-lo como algo que já vem sendo praticado por mim e se firmado escorregadiamente: esquizografia⁸.

quando ele é atropelado por uma moto em minha frente, ultrapassando o sinal fechado para nós, ele ultrapassa algo que já não diz respeito à ele mesmo, mas que remonta às fulguras de um atropelamento que vinha sendo até então falado, pensado, imaginado e pré-alucinado. a imagem de um ônibus que o atropela, a cena do coringa que é atropelado no filme. seu ultrapassamento do sinal vermelho para pedestres é transpassagem que ao mesmo tempo reivindica o real da produção desejante e o risco de desmoronamento de um corpo - de algo que se compôs pelo fora, e desembocou nele. ele não quis ser atropelado, mas o atropelamento acendeu realidades nele, em nós e no mundo, até então não exatamente percebidas. se o desejo produz real, trata-se de um "sempre-mais de realidade"⁹, oposto à concepção freudiana de que na psicose ocorre a severa perda da dita realidade. o esquizo efetivamente concretiza "a encenação de uma máquina produtora de real. Longe de ter perdido não se sabe qual contato com a vida, o esquizofrênico está mais próximo do palpitante coração da realidade, a tal ponto que se confunde com a produção do real".

10 Ibidem, 2010.

11 Freud, Sigmund. "O eu e o id (1923)". In: *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

12 Deleuze, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

o atropelamento é autoproduzido - mas escapa-se deste, para além deste: criando um dedão quebrado e um contorno nos seus constantes ultrapassamentos.

a esquizofragia opera na literalidade das máquinas desejanter visando atingir ou produzir um social passível de existir a partir daquilo que lhe escapa e faz estranhar. fractaliza-se, fratura-se, não para se perder, mas para prosseguir. as máquinas desejanter são um sistema de cortes que nada tem a ver com uma separação, mas tão somente a ver com dimensões variáveis, que condicionam uma continuidade onde toda máquina é máquina de máquinaoutra máquina que supõe produzir o fluxo: um fluxo contínuo e infinito¹⁰. não é possível preservar um Eu neste processo, tampouco separar esse maquínico múltiplo dos outros modos que constituem este texto: modos de ler, captar, escutar, estar, rascunhar, digitar - modos de se afetar, modos de assumir as zonas de vizinhança entre aquilo que se cruza e escapa, modos de recolhimento (não no sentido da retenção fechada, mas daquilo que se colhe). se para Freud¹¹ o Eu, ainda que possuindo uma parte do Id, é uma superfície corporal que faz valer a influência do mundo externo, tornando-se emblema daquilo que ele entende como percepção ou de uma função mediadora do real (que é regido pelo princípio de realidade), em Deleuze & Guattari temos a aspiração destas entidades convergentes, multiplicando-as, perfurando-as e transvazando-as. o conflito entre Eu e Id dilui-se, abrindo-se espaço justamente para aquilo que é preciso dizer do formigamento destas rachaduras¹², potencializando-as e não adaptando-as. para escapar das capturas representativas do desejo é preciso concretizar uma cartografia, fazê-la. desmontar aquilo que é só uma maneira de falar, firmando terreno para o acontecimento de uma esquizografia que eclode dessa tentativa de implosão do Eu.

fiquei de pé sob sua nova cama transformada em leito hospitalar em sua morada. você, com a cabeça do fêmur quebrado. como sob miragens incessantes, você me perguntou se eu realmente existia, se eu realmente estava ali na sua frente. respondi que existia, que eu estava ali na sua frente. você me disse que queria que eu ficasse ali pra sempre. me contou do fêmur quebrado, mas num olhar desesperado e num abrir de boca clamante me pediu o mundo lá de fora: as pessoas, a rua, os lugares - não-eu. você só passou por mim e eu passei por você: transpassagem. e você é como a janela deste trem em movimento, onde mesmo imobilizada, tal fluxo não cessa. dizem que você não reconhece a perna quebrada, que "não entende". mas eles não entendem que o desejo não pára na perna quebrada, que seu corpo não te basta e que você não é só você. hoje foi com a cabeça do fêmur quebrada que falei: ela se lembrou da perna amputada da mãe, me perguntou onde estava o seu filho, se ele já havia ido visitá-la. ela perguntou: - *você veio me ver?* e eu disse: - *sim, eu vim te ver*. e assim se dá esse reencontro-quebra onde olhamos os nossos corpos, suas partes de pé, perna, ventre, boca e olho. minha parte de mão na sua cabeça, de mão dada. meu tênis, minha bermuda, minha camiseta. nós nos olhamos em partes: nada está integrado ali - e não é possível integrar. ainda assim é possível ver. o limite é o limite das partes.

13 Deleuze, Gilles Et Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.118.

14 William Seward Burroughs II foi um escritor e poeta norte-americano da geração beat. constitui uma obra de atmosfera fantástica, grotesca e autobiográfica. o método cut-up foi por ele proposto em suas experimentações de escrita literária, culminando numa trilogia composta pelos livros: "The ticket that exploded", "The soft machine" e "Nova express". seus cut-ups também resultaram em obras gráficas e em uma videoarte.

15 Diógenes, Paulo César Rodrigues. "Sobre máquinas de escrita e remistura: o método cut-up de William Burroughs". In: *Revista Línguas e Letras. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná*, p. 343-370, 2012, p.347.

16 Ibidem, p. 347.

17 Pessanha, Juliano Garcia. "8. Refrões". In: *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu editora, p. 142-151, 2018, p.143.

18 Pessanha, Juliano Garcia. "Em louvor ao júbilo". In: *Testemunho transiente*. São Paulo: Cosac Naify, p. 255-266, 2015, p.257.

19 Deleuze, Gilles Et Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.63, grifo nosso.

o limite é o limite das partes.

e "[...] se tudo se mistura assim, é em intensidade; não há confusão dos espaços e das formas, postos que estes são precisamente desfeitos em proveito de uma nova ordem, a ordem intensa, intensiva"¹³. a diferença dos elementos se mantém presente ainda que não possam ser totalmente decodificadas. há um esgotamento da mistura. todas as coisas do mundo só valem pela sua força de amputação, desconexão ativa do lembramento cosmogônico de que as partes se sobressaem sobre o todo, sendo que o todo não é "uno", mas "todos", que são singularidades-desconectantes. acopla ao mesmo tempo que separa: amputa-me o olho para eu realmente ver.

não há fala que remende osso quebrado, quiçá, haja escrita. assim como no método cut-up de William Burroughs¹⁴, a esquizografia pode envolver uma pragmática literária, uma "[...] metodologia de recorte, remistura e hibridização de diversas fontes textuais, previamente existentes, selecionadas das mais diferentes proveniências [...]"¹⁵. um complemento de texto automático, páginas datilografadas tiradas ao estilete dum ventilador acopladas à uma metodologia não-tecnista mas sim um método-ético, um meio do/para caminho. o cut-up é uma máquina de escrita conceitual onde "mais do que um ponto de concentração, [...] serve-nos, aqui, tanto quanto possível, como ponto de dispersão e agenciamentos, linha de fuga, enfim, multiplicidades"¹⁶. serve-nos como ponto de quando o corpo quebra e se esquizografa, pois a quebradura como já bem repetimos não propõem um descolamento do real - seria como um cortar-recortar que se cola ao mesmo tempo em que se separa. "No corpo insone se acumula o magma do acontecimento. E entre coágulos e tumores surge, às vezes, um poema"¹⁷.

daí, ela surtou. começou a gritar no banheiro. alucinou. gritava continuamente e parava, olhando para aquilo que nós olhávamos como sendo nada: alucinação. gritou, gritou de novo. e parou. na base da barriga, via-se a pequena abertura de seu intestino não-acoplado à sua bolsa de colostomia (fruto de uma facada que havia sofrido). o cheiro. a impossibilidade de contenção. o não-saber onde tocar ali. gente, ela está surtando. "O surto é a sorte para começar a despedir-se da mentira autobiográfica e tentar redigir uma heterobiografia haurida na experiência viva"¹⁸. e como sob miragens incessantes, é o que se faz aqui: passeia, veloz e singra.

*[...] na viagem de trem, nunca existe totalidade daquilo que se vê, nem uma unidade dos pontos de vista, mas apenas a transversal que o viajante enlouquecido traça de uma janela a outra, "para reaproximar, para remendar os fragmentos intermitentes e opostos". Reaproximar, remendar, era o que Joyce denominava "re-embodiment" [reincorporar]. O corpo sem órgãos é produzido como um todo, mas no seu próprio lugar, no processo de produção, ao lado das partes que ele não unifica nem totaliza. E quando se aplica a elas, se assenta sobre elas, ele induz comunicações transversais, somas transfinitas, inscrições plurívocas e transcursivas sobre a própria superfície, na qual os cortes funcionais dos objetos parciais são sempre recortados pelos cortes das cadeias significantes e os de um sujeito que aí se situa. O todo não só coexiste com as partes, como também é contíguo a elas produzido à parte, e aplicando-se a elas [...]*¹⁹

20 Deleuze, Gilles.
Diferença e repetição. Rio
de Janeiro: Graal, 2006.

21 Deleuze, Gilles. Et
Guattari, Félix. *O anti-Édipo:
capitalismo e esquizofrenia 1*.
São Paulo: Editora 34, 2010.

a transversalidade que não submete as partes à organização do todo é exercício esquizográfico que induz à esse estado pornológico de uma não-linguagem, de uma agramaticalidade e assintaxe anedípicas, que esgotam o estilo equiparando-se assim a literatura à esquizofrenia, processo e não meta, produção e não expressão – sendo a literatura de consumo uma redução, uma conformidade, uma forma edípiana. esse exercício de escrita esquizo só pode ser lido de maneira cognoscível por meio da velocidade e do movimento que o transcorrer e deslizar sob essas partes heterogêneas efetua: é preciso tornar-se esse viajante-passageiro enlouquecido, acoplar-se à esquizografia, autorizando a existência de enxertos aberrantes que quando lidos isoladamente não podem ser apreendidos ou integrados, mas quando arranjados nessa transversalidade adquirem uma potência afetiva que transpassa a consciência de saber dizer o que é uma coisa e o que ela significa. a escrita-leitura repousa assim na sua dimensão corpórea, na capacidade de se afetar pelo corpo – pelos olhos, pelos dedos, pela cabeça.

é impossível não ter família, ele disse. é impossível não nascer da cópula entre uma mulher, vulgo mãe, e entre um homem, vulgo pai. a questão dele não é apontar uma suficiência benevolente por sempre haver família na composição dos sujeitos e do social, mas é justamente denunciar a viscosidade familiar, da impossibilidade de nascer sem família – ou ainda, da interrupção que este sofre por não poder subjetivar-se sem família, sem que isso se torne emblema da falta mas só expressão do desejo que o atravessa. ele deseja poder não falar com a mãe e nem com o pai, deseja não ser acessório personológico de uma ausência. é quase como se ele quisesse se afinar com a afirmação de que “é possível não ter família”, assim como é possível ter sua voz repetida por outro, assim como é possível ter as transformações do seu rosto púbere serem sentidas como uma deformidade que não condiz com o terror, mas pela consonância do quanto um corpo não basta para designar o humano – tampouco uma família. agora ela: a minha irmã sumiu de mim, sumiu com minha mãe, sumiu com meu filho, sumiu comigo da família. é necessariamente disso que repercute o esparramamento do meu corpo no mundo, minha denúncia de um afeto-próprio e desarranjado de mim mesma, realocado e aplastado na cara do outro? porque tua insistência em reinserir isso num complexo? você sonhou com Gustavo? você sonhou com meu filho Gustavo? o meu filho sumiu, morreu, ou foi arrancado de mim – ou simplesmente a suposta dura verdade: dei meu filho parido na rua para alguém. deliro, pois não foi de vontade própria – eles o roubaram. quer dizer, “daí, deliro?”. porque me desmonta ter parido um estranho de mim? porque é o outro que precisa sonhar um filho – refabricar um filho em mim, ou para mim? será clamor de cópula familiar? porque preciso errar teu nome, para depois te chamar de pai, e depois te desejar namorado/marido – independentemente se tu se localiza homossexual (independentemente do sexo). eu crio realidades. eu quero cortar com minha mãe: não quero depender dela. meus pais nem imaginam que eu tenho um contrato sexual justo, honesto. a minha mãe eu lambo que nem gatinho, dela junto a minha cama: a asseguro dentro de mim. mas, não tenho nada com papai-mamãe.

22 Ibidem. p. 65, grifo nosso.

23 Lapoujade, David. *Deleuze e os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

24 Deleuze, Gilles Et Parnet, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora escuta: 1998.

papai-mamãe não é somente o comum da posição sexual, mas a denúncia que nem pai e nem mãe é comum a nada e nem ninguém. e não sou eu quem fiz nada disso: o meu corpo não é meu. possessão. é agora que você vai cortar meu braço?
é agora que você vai cortar meu braço?

é nesse "*caráter absolutamente anedipiano da produção desejante*"²² que podemos tomar as partes desta escrita como objetos parciais, pulsões não evolutivas, que não visam uma integração, mas que são somente partes de corpo que se conectam para fora de um corpo dito meu, para fora da ideia de que existe uma pessoa global que detém essa parcialidade dos objetos e de um corpo. reincorporar essas partes, se transpassa do crivo edípico, figurando um acoplamento fugaz que se estabelece pela rede formigante entre essas partes.

esses cortes aberrantes dizem respeito à um princípio de distribuição da produção desejante que nasce da conflitiva entre o organismo e suas ligações de órgãos entre si que garantem seu funcionamento, e o corpo sem órgãos (registro do improdutivo) que simplesmente não suporta essas amarrações e ligações determinantes, desliga-as. esse princípio de distribuição portanto, assemelha-se mais à um princípio de disparação como sistemas desses cortes aberrantes que se opõe a qualquer princípio de organização ou articulação²³. quando o corpo quebra e se esquizografa como disparação e re-incorporação.

não quero essa hóstia na boca. recolho-me na quietude dessa falsa ficção, desse autoplágio que desmente qualquer verossimilhança com os códigos sociais que viscosamente passeiam por aí, anonimizando os corpos e matérias citadas sem necessariamente dotá-los de invisibilidade, mas sim de uma extração transvisível que não precise apenas referir-se unitariamente à estes corpos, podendo assim se tornarem partículas singularizadas que magnetizam um texto, tornando-o outro: um devir-texto ou uma quebra de corpo que alça o real - um menor-maior. não desejo demonstrar "tratamentos", mas talvez expor rastros dessa tal de clínica sem psicanálise, amarrando seus declives e conjunturas²⁴ para além de um puro retrato. não que isso seja se desviar da legitimidade destes porta-retratos próprios, mas trata-se de um exercício de movimentação dos retratos, um estilhaçamento contornante onde a unidade deste ao mesmo tempo em que se localiza, se quebra e desmonta - se anonimiza, torna-se público.

mas o anonimato nem sempre garante proteção - guarda o crivo do secreto que não se marca nessa troca que tanto insisto, apelo de sanidade daquilo que o outro vê em mim, da cegueira de minha desordem, do mais-encontro que tanto desejo e tanto derrapa entre a tua cara e esse rasgo em mim dito boca. sois estranha. tamanha. desespero, apreço e colagem que não acabam.